

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica
23 a 25 de julho de 2017
GT11 – O PIBID E A FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS: LIMITES
E POSSIBILIDADES

PIBID E CODAP: POR UMA SOCIOLOGIA REVERSA

Josevânia Nunes Rabelo (UFS/Codap)

Marília Oliveira de Jesus (UFS)

Resumo

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) iniciou no Colégio de Aplicação (CODAP) no ano de 2014. Então, temos um espaço de tempo, de quase 03 anos, para explorarmos uma compreensão dos resultados da inserção dos graduandos/participantes do PIBID no Colégio. Procuraremos a partir de 06 entrevistas abertas, sendo 03 egressos e 03 atuantes, para identificar o diálogo produzido em torno da sociologia entre o professor da disciplina e os licenciandos. Convém destacar que a característica principal do programa se define pela tríplice relação institucional da Universidade-Escola e seus agentes operantes, o qual poderíamos decifrar como uma dupla parte de um processo construído mediante a interação de alunos e professores, em graus diferenciados (Superior e Ensino Médio). O quadro formado, nesse jogo, induz a uma constante ressonância das ações propostas em sala de aula, advindo uma vigilância do ato educativo a incidir em uma questão primária: a contribuição da sociologia para a Educação Básica e a possibilidade de potencializarmos uma trilha de aperfeiçoamento humano, como trabalhado por Wallerstein (2002) em sua problematização da Ciência Social para o século XXI. O desdobramento dessa posição implica colocar que o significado de reversa, exposto no título, condiz com a ideia de sublinharmos a constante interferência desses graduandos, na sala de aula, e a experiência de fazermos da sociologia um encontro de situações propícias do olhar para si mesma, no contexto da Educação Básica.

Palavras-chaves: Sociologia, Educação Básica, PIBID.

1 - A sociologia em dois meios: o Programa e o Colégio

A experiência como supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) me fez querer conhecer o outro lado, que é o principal, do aluno da graduação. O intuito foi gerar uma percepção desse encontro Codap-Licenciandos, e, a palavra ENCONTRO – agora, escrita em caixa alta – não significa apenas uma coligação da Universidade e da Educação Básica; a intenção da expressão é maior, a representar uma necessidade de diálogo sobre as atividades dos graduandos e do ensino da sociologia no Colégio. Não deixamos de perceber a relação teoria/prática das duas direções, porém, o núcleo da questão é procurar compreender o respaldo dessa relação para o aluno da licenciatura. A ideia eclode em outro viés também o qual se redobra para a problemática de saber como foram as mudanças realizadas dentro da sala de aula, no planejamento, na forma de comunicação entre aluno-licenciando-professor etc. E ao catalogarmos essas transformações, notamos que a ideia de interferência do Pibid no Codap é sustentado pelo esforço permanente de fazermos da sociologia um recurso de conhecimento sobre si mesma, dentro da esfera educativa. São dois momentos de uma única ação, aderindo sempre a uma possibilidade de crescimento metodológico e da prática sociológica na Educação Básica, em um processo de abertura da sala de aula para as reentrâncias do Programa.

Outra explicação necessária é a de que a coautora também fez parte do Pibid em outro colégio. A ideia de escrevermos juntas foi proporcionada pelo excelente trabalho executado por ela como estagiária do Codap – o Colégio tem como uma de suas funções ser um laboratório de práticas de ensino. Nisso, observamos em nossas conversas que o discente ao passar pela experiência do Programa tem uma concepção diferenciada. E esses intervalos de troca de informações eram significativos e quase sempre permitiam uma incursão de considerações da situação gerada pela aula, no intuito de percebermos até que ponto avançaríamos ou não em tal conteúdo. Essa inquietação trouxe para nós um propósito de verificarmos como o próprio Pibid estava se desenvolvendo no Codap. Foi, então, um processo espontâneo de curiosidade, porém, sedimentado pela ciência sociológica, que caberia à possibilidade de avaliarmos as ações de egressos e de atuantes.

Assim, ao chegarem ao Codap, deixamos transparentes que ali não haveria entaves para o novo. Nesse sentido, apresentávamos um modelo de diálogo, a determinar a horizontalidade das concepções apresentadas. Primeiro passo foi entender as orientações da Coordenadora do Projeto, Prof^a. Dr^a. Tâmara Maria de Oliveira até o ano de 2016, do Departamento de Ciências Sociais (DCS-UFS). Para isso, foram realizadas reuniões em busca da compreensão do projeto de Sociologia para o Pibid, que tinha por temática Juventude e Consumo (subprojeto Pibid/Ufs-Ciências Sociais, edital nº 061/2013). Após as reuniões, preferimos destacar a categoria “juventude” para refletirmos sobre o nosso público. A partir da decisão, a observação gerada pelos licenciandos foi a de que teríamos a necessidade de uma conversa com a turma envolvida. Nisso percebi que eles estavam interessados na descoberta dos alunos e também na possibilidade de deixar a sociologia menos dura teoricamente. Então, dali em diante, pude perceber a originalidade do Pibid, porque iniciava uma interrupção linear do Professor. Ele estaria mediando outras conexões advindas do ensino-aprendizagem da graduação como também das concepções trabalhadas pela visão de escolha de cada ator imbricado naquele processo. Assim, o início foi esse “estado de alerta” no sentido de estimular a participação dos licenciandos e perceber que acabava a ideia de uma visão professor-aluno, do Codap, como delineador dos conteúdos a serem trabalhados. E, na mesma dinâmica, em 2017, temos a Prof^a Dra. Mônica Cristina Silva Santana e a Prof^a Dra. Vilma Soares Lima Barbosa como Coordenadoras do Projeto, dando continuidade temática mas também complementar ao desenvolvimento de Projetos de Ensino diversificados a partir das condições de cada Colégio, em uma articulação Coordenador, Supervisor e Licenciandos, no intuito de estimular a experiência de metodologias relacionadas aos assuntos a serem trabalhados em sala de aula.

Logo, a ideia de efetivar um balanço das práticas já era uma necessidade de compreender como o Pibid consegue atingir professor, colégio e aluno. E, para tanto precisaria conhecer a experiência dos próprios atuantes principais. São alunos da graduação que aderem e acreditam no Programa como forma de se tornarem melhores profissionais da área da educação. Assim, formando um elo entre a aprendizagem e a experiência vivida, fortalecendo o vínculo subjetivo com o cotidiano de um colégio, talvez, melhor definido como cultura plural (Certeau,

1995), no qual levamos as conotações de interrogação do próprio saber. Cada um dentro do Colégio está em jogo, evocando por contradições de pensamentos, na maioria das vezes, as margens de diferentes condutas sociais. Portanto, no Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Sergipe, tivemos essa movimentação de pensar a disciplina da Sociologia no caminho de um retorno sobre ela mesma a partir do Pibid, e, isso foi colocado na palavra revessa, a qual tem um sentido mesmo de encontros e desencontros da perspectiva ensino-aprendizagem. Porém, reforçando a concepção de um sistema que deve atender as demandas dos alunos por insatisfações, por exemplo, da evolução da turma. São os imprevistos que elaboram a marca da sala de aula e colocam os desafios para todos os envolvidos. Interessante notar, nesse modo de apreensão do contingente na sala de aula, o relato de Rocha (2013), quando ele cataloga a fala de dois licenciandos (LC5 e LC2) para a pesquisa docência e Pibid, por:

utilizarem uma linguagem coloquial, chamam a aprendizagem dos saberes de experiência de “gingado”, “molejo” “jogo de cintura” e “luta”. A escolha desses termos reflete muito a cultura do nosso povo brasileiro. Para os licenciandos, o professor é, fazendo o uso da metáfora, um capoeirista, pois, ao mesmo tempo que precisa ter “ginga”, “molejo” e “jogo de cintura” pra fazer a aula acontecer, ele também “luta”. A capoeira, talvez a mais brasileira das artes marciais, é também uma dança. Daí surgem as expressões ginga, molejo e jogo de cintura junto com a luta. (p. 111-112)

Essas reflexões nos remetem a percepção de Girad (1995) quando evidencia a arte das táticas. Para nós, fica transparente o posicionamento de criar meios de atingir o outro na descoberta do fazer sociológico dentro das perspectivas de um público jovem e, às vezes, alheios aos dilemas deles mesmos. Foi nessa indicação que os licenciandos propuseram a imersão na conduta da turma. Nisso se faz sentir a transformação do antes e depois da atuação dos graduandos, na instância daqueles que vêm de fora e cruzam com olhares mais apurados, porque a primeira ordem é trazer a diversidade de ações para a sala de aula. Encarando, dessa foram, a realidade do jovem mediante a condição da vida nos “recortes classe, gênero, regiões, vida urbana ou rural, religiões e etnia” (Sposito, 2004, p. 74). E, ainda, como sublinhado por Spósito (2010) essas questões não são consideradas ícones de um desenvolvimento da pesquisa atual, uma vez que Candido (1973) citado por Spósito (2010) já tinha referenciado o aspecto

insuficiente de Dukheim (1970) de perceber o aluno como “tábula rasa”. Nessa conjugação de compreensão a autora também destaca a pouca produção desse tipo de pesquisa, no Brasil. Contudo, dentro do espaço do Codap, diria que os graduandos tinham essa inquietação, transmutada no interesse de saber quem são esses discentes do ensino médio, à procura de entendê-los em seus propósitos de articulação vida-colégio.

Então, se estamos ainda caminhando na direção de entendermos quem são os alunos da escola com as suas ramificações de vivência, os novos licenciandos, de iniciação à docência, possuem já a dinâmica aguçada para tentar fazer uma leitura menos enviesada do aluno que apenas recebe o conhecimento. Foram essas problemáticas que precisavam de esclarecimentos, levando a uma dúvida de como a sala de aula proporcionava uma dimensão diferente da simples relação professor-aluno. Ali, estavam dois educandos com interesses específicos, um sendo base comum de toda sala de aula e o outro como espectador e interferente dos acontecimentos dela, respectivamente a turma e os licenciandos. As questões de divergência surgiriam nesse percurso, e foram elas que instigaram olhar para os discentes por outros meios, na tentativa de mapear as inconsistências de uma transmissão de conhecimento. Diríamos que naquele território não somente versa conteúdo mas também o lado humano ultrapassa as barreiras do conhecimento. Assim, qualquer recurso de ensino fica borrado ao ser levado em questão a linguagem de expectativa do aluno e do licenciando. São dois papéis diversificados com o único objetivo de colocar mais complexidade ao processo educativo.

2 - A fala do licenciando: produzindo um espelho do Pibid e do Codap

Nessa etapa chegamos ao objetivo elencado, mencionar as reminiscências de três egressos e de três que continuam no programa. Talvez, as vozes-escritas são as características mais importantes do trabalho, pois percorrem o espaço por onde estiverem e dizem suas impressões em acontecimentos que, apesar de iguais, vivenciados de forma diferenciada. Assim, foi o entendimento metodológico e

utilizamos o questionário¹, o qual segundo Gil (1999) tem como função conhecer a concepção de outra pessoa em um determinado assunto. As perguntas foram enviadas pela tecnologia virtual do correio eletrônico, por uma questão de tempo e organização das ideias, e todas as pesquisadas arquivaram suas respostas pelo aplicativo *Microsoft Word*. Como foram seis, o julgamento de cada uma foi trazido para o texto e não necessitou de nenhuma tabulação. Reforçamos que as perguntas foram abertas e diferentes para os egressos e os atuais, porém, todas elas estavam dentro do enquadramento simplificado do relato das experiências, tomando o Pibid e o Codap como núcleo das questões. Portanto, a natureza da mudança era muito mais o tempo verbal (passado-presente), e, o trabalho que foi ou será executado.

Deixamos claro também que a temática foi única e incentivava discorrer sobre a vivência pessoal, direcionando a enfática expressão “para você” (como pergunta) em um movimento que a projeção fosse o “para mim” (como resposta). Essa foi uma estratégia no intuito de perceber como a experiência foi vista pelo ângulo desse contato objetivo e subjetivo do licenciando, em que demonstra a existência de uma conduta revessa, porque as vozes de um e de outro são captadas pela negociação ou dissenso, caracterizando o licenciando pelo seu ato de estimulador de mudanças. Logo, além de se alcançar o desafio de estar em sala de aula, eles foram provocados a darem as contribuições em torno dos conteúdos apresentados. Ao iniciar o contato, partíamos do pressuposto de que todo aluno de sociologia do ensino médio já ouviu falar de certos assuntos, isto significava que já tem incorporado alguns conceitos que advêm de um determinado ponto de vista. Geralmente, essas ideias são enviesadas e induzem a uma valorização daquele que está em posição social privilegiada. E os assuntos sociológicos, aparentemente simples, vêm carregado de muito significado por tratarem de um fenômeno social, econômico, cultural e histórico. O desafio disso para os licenciandos era trabalhar a partir do senso comum para desenvolver uma visão crítica no aluno.

¹ Desistimos da entrevista porque poderíamos fazer facilmente com as três atuais, contudo, houve dificuldade de encontro com os egressos, por conta de termos um período curto para a produção do artigo. E, optamos por igualar a metodologia como também outro fator positivo à escolha foi apresentado como contingente da situação, uma vez que a entrevistadora seria a autora e a coautora, mas, não podemos esquecer que a autora de certa forma está implícita nas respostas, logo, a primeira dificuldade gerou um cuidado impensado de antemão, que é a liberdade de respostas por *e-mail*, significando um acerto ao pensarmos nos padrões da pesquisa científica.

Desconstruindo essa visão que parece científica e está escondida dentro de uma concepção equivocada, partíamos de análises sociológicas com a finalidade de serem transformadas em uma visão mais situada da sociedade. Reafirmamos, nesse sentido, que a questão a ser considerada foi a vontade de fazer a diferença, no Colégio, dos participantes do Pibid em um movimento que desperta a criatividade para o ensino, levantando problemas e incógnitas dessa tarefa. Por isso, destacamos as transformações de olhares dentro do contexto do Pibid no Codap. E, as frases a seguir demonstram clareza quanto à dificuldade de uma sala de aula direcionadas na relação ímpar de cada ser humano constituído naquele espaço, a demonstrar como afirma Arroyo o “saber-fazer bem mais complexo do que preveem, por vezes, as teorias do desenvolvimento e da aprendizagem.” (2007, p. 243), portanto, trabalhar com esse Programa tem como fundamento aprimorar o conhecimento do ato de ensinar. Assim, veremos discorrer a seguir essas preocupações humanísticas, nas indicações daqueles que participam (três primeiras) e participaram (três últimas) do programa:

(...) importante trabalhar o lúdico em sala de aula, visto que a sociologia é uma disciplina densa, acaba não despertando tanto o interesse do aluno e também, os textos precisam ser ‘traduzidos’ para a linguagem deles, para facilitar o processo de aprendizagem. Trabalhando o lúdico, seja por meio de filmes, representações teatrais, músicas e vídeos, torna o processo mais fluido. (Ruth de Lima Gomes)

Planejo minha interferência de forma dinâmica e objetiva para uma interação maior com os/as alunos/as trabalhando o conteúdo programático, sempre relacionando os assuntos trabalhados em sala com o cotidiano dos alunos/as numa tentativa de melhor compreensão dos mesmos. (Daiene Sacramento de Jesus)

A minha interferência como bolsista do PIBID, na sala de aula, é estabelecer, participar de projetos de cooperação que melhorem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública, tendo um contato mais próximo com os alunos e tendo assim uma troca de conhecimentos. (...) e fomentar práticas docentes e experiências metodológicas de caráter inovador. (Naiane Alves dos Santos)

Enfim, a partir da metodologia que usei durante esse período em sala de aula com o uso de atividades distribuídas ao longo das aulas, aplicação de questionário, sugestão de documentários e palestra foi no intuito de desenvolver, junto aos alunos, ações participativas em sala de aula, de modo que eles pudessem se enxergar como geradores de saberes, como sujeitos autônomos no modo em que iriam apresentar suas atividades e seus conhecimentos. (Grayce Kelly Menezes Reis)

(...) tive a oportunidade de realizar interferências supervisionadas durante o período do Pibid trazendo temas que faziam parte do dia a dia de boa parte dos alunos, como os filmes voltados para o público jovem e os *reality shows*, algo que foi trabalhado e abordado em sala de aula de maneira científica através do artigo "O cinema e os contemporâneos '*Reality Shows*'", da aluna do mestrado em História pela UFS, Carla Luedy Rego, algo que atraiu bastante a atenção dos alunos por ser algo que lhes interessava, unindo, assim, seus gostos pessoais a conceitos científicos complexos, como: "cultura", "indústria cultural", "consumo" e "meritocracia", entre outros. (Monique Maria Marques Machado)

Durante dois anos como bolsista PIBID eu tive a oportunidade de participar ativamente das aulas. Em uma destas aulas, a professora pediu para que levássemos o documentário: "*O povo brasileiro*", de Darcy Ribeiro e após a exibição houve uma discussão muito proveitosa, pois os alunos estavam lendo a obra "*Raízes do Brasil*", de Sérgio Buarque de Holanda e fizeram a relação entre os dois; mostrando as semelhanças, discrepâncias e levantando dúvidas (Wine Silva de Santana S. Castor)

Posteriormente, optamos também pela observação de conteúdos abordados em sala de aula, com o objetivo de transparecer uma marca da ação delas no Codap. Isso indica a tarefa de burilar o conhecimento a ser produzido, incentivando a atividade de destacar os pontos a serem perseguidos com a turma que conduz na forma reversa de apresentação das diversas concepções. Trabalhar, portanto, com o Pibid é estabelecer bifurcações no sentido de recuar as certezas do tempo de experiência com o magistério. Talvez, essa seja a principal tarefa do programa para a escola, quando disponibiliza o estreitamento da relação Ensino Básico e Superior mas também o convite que essas reverberações sejam analisadas. Uma delas foi compreender a partir de Wallerstein (2002) que ao invés de separações "passado/presente, civilizados/outros e Estado/mercado/sociedade civil" (p. 297), nós temos uma realidade de múltiplos cruzamentos. E ao colocarmos determinados conteúdos, precisávamos extinguir essas discriminações diferenciais. Nas respostas dos conteúdos trabalhados, temos:

Os temas que estamos abordando (etnicidade e gênero) são temas atuais, é importante preparar o olhar crítico desses adolescentes tanto para o Enem/universidade, quanto para o cotidiano na sociedade. O Codap é uma instituição que acolhe o aluno para a construção de um indivíduo crítico, e que dispõe de recursos que facilitam o aprendizado, sejam materiais, ou até mesmo por meio de feiras e oficinas que atuam como um estímulo

a mais, intercalando com o modelo tradicional de aula e avaliação.
(Ruth de Lima Gomes)

Trabalhar os temas escolhidos (gênero, raça e classe) dentro da educação básica, assume uma responsabilidade importantíssima, pois estaremos lidando com a vivência e formação de cada estudante, principalmente com as “verdades absolutas” vindo das suas criações. Resta-nos o papel de sensibilizar e demonstrar o quanto os preconceitos estão enraizados em nossa sociedade e o quanto fazem parte do nosso cotidiano. (Daiene Sacramento de Jesus)

Está produzindo um plano de ensino significou que o PIBID me deixa mais próxima da profissão que irei seguir, mais próxima do ambiente escolar e docente. Para produzir um plano de aula é necessário pensar em temas que puxem os alunos para uma discussão recíproca, dinâmica, e que faça os alunos pensar e ter o pensamento crítico. (Naiane Alves dos Santos)

Um dos assuntos lecionados em sala foi sobre “Participação política, direitos e democracia”, foi escolhido por mim porque traz uma discursão para o contexto atual na política e os direitos dos cidadãos, os alunos conseguiram participar e assimilar de forma melhor quando fiz pontes do assunto com eventos históricos e recentes, dando exemplos.

Para concluir o cronograma do 2º bimestre foi realizada a palestra que ocorreu no Anfiteatro do colégio de Aplicação – Codap, com participação do professor Ivan Fontes Barbosa do Departamento de Ciências Sociais (...) contou também com a participação de Vilma Soares de Lima Barbosa professora do DCS e coordenadora do Pibid de ciências sociais, do professor de francês Ricardo e da Diretora Marília do próprio Codap e dos alunos dos 1º anos A e B e dos 3º anos A e B. (...)

O professor trouxe o limitar do projeto na modernidade e o significado da escola livre no contexto do projeto moderno de escolarização compulsória relacionando o poder político, social e econômico. E então falou da temática principal da palestra a lei "Escola sem Partido", que tira o direito de opinar dos professores nas aulas dadas, mantendo com isso a neutralidade política, ideológica e religiosa em sala de aula. (Grayce Kelly Menezes Reis)

A aula tornou-se enriquecida através da participação dos alunos de modo que eles puderam através de filmes e *reality shows* comparar a realidade presente em filmes como “Jogos Vorazes”, por exemplo, com a ampla concorrência que os alunos vivem ao se submeterem ao ENEM, ressaltando os desafios entre colégios bem estruturados como o CODAP e a frustração de muitos alunos por não possuírem um ensino de boa qualidade, algo que os fizeram refletir sobre suas condições e a de outros alunos que viviam em situações vulneráveis. (Monique Maria Marques Machado)

(...) trazendo temas atuais dentro da sociologia, como a sociologia das religiões, por exemplo. Trago essa aula em específico, pois foi a última aula enquanto bolsista, logo, um momento em que eu

estava prestes a me graduar e mais madura em sala de aula. Para esta aula utilizei o capítulo 19 do livro didático *“Sociologia para jovens do Século XXI”*, organizado por Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa. O tema *“A gente não quer só comida...” Religiosidade e juventude no século XXI*, têm como escopo a sociologia das religiões, e aborda as religiões no Brasil, tecnologia e a religiosidade, juventude e novo milênio. (Wine Silva de Santana S. Castor)

Destacamos, ainda, que os licenciandos atuais abordaram sobre a produção de um Plano de Ensino, com as temáticas enfatizadas nas duas primeiras respostas e fechando pela terceira resposta a explicação. Contudo, para os egressos os assuntos destacados foram diferenciados, indicando um trabalho já realizado, o qual cada um elege a melhor experiência. Nisso sublinhamos, respectivamente, o trabalho sobre a política que leva a uma dimensão de diálogo de como estamos vivenciando a relação ciências sociais e ideologia; já no segundo percebemos a ideia de fazer uma ponte do conteúdo com um meio de atingir a atenção do aluno mediante um filme que quase toda a turma era fã da trilogia; no último desperta no aluno a vontade de entender a relação “juventude e religiosidade”, a qual está ligada com os problemas sociais amplos (mercado de trabalho, tecnologia etc). Estas inserções representam um fazer sociológico para além das correntes clássicas (Durkheim, Marx e Weber) como também perpassando uma reflexão de crise como apresentado por Wallerstein (2002) ao se interrogar sobre o significado de mudança social, em um ambiente em contraste com a perspectiva humana, quando esquecemos de perceber as debilidades da pobreza, por exemplo. E que segundo o autor, os dirigentes do mundo se utilizaram de “ideologias sociais, ciências sociais e movimentos sociais” (p.182) para produzirem a visão liberal, inibindo transformações pelo viés da racionalidade material – que seria pensar a melhoria da vida coletiva. Acompanhar esse recorte significou ter no centro das aulas, realizadas em parceria com os licenciandos, a escuta dos problemas da vida social. E, partir dos temas distintos, as metodologias também foram influenciadas dentro de outros recursos didáticos de ensino, enfocando aspectos do pensamento sociológico, por considerarmos que o ensino de sociologia não se prende aos resultados ou ao resumo de suas obras, mas ao percurso de cada interação da aula, as questões feitas pelos discentes e a construção do conhecimento no ato de interesse do indivíduo. Além disso, um colégio interage com os movimentos

externos e sua comunidade traz as constantes inferências de outras camadas: “considerando que todas as instituições agem de maneira a um só tempo política, econômica e sociocultural, e não podem ser efetivas se não o fizerem².” Logo, o Codap como uma delas está dentro de todas as variáveis de um sistema do capital, por exemplo, a colaborar em uma definição de como o aluno se ajusta nos encaminhamentos necessários de inclusão a um tipo específico de vida social, porém, essa realidade tem suas imprecisões e não pode ser colocada como um modo quase sem saída, para as mazelas perpetradas desde a ideia universal de vida social. Queremos colocar que a crítica do desgaste das ações contemporâneas estão chegando ao Codap pelas mãos desses licenciandos, que avaliam e conduzem uma perspectiva das incertezas desse mundo. Debater com elas as temáticas proporcionaram uma forma de vislumbrar uma sociologia, do Ensino Médio, concatenado por uma perspectiva menos abstrata e mais próxima da realidade do educando. Incorporando ao ensino de sociologia uma ferramenta no sentido político de ampliar a consciência do indivíduo para suas condições sociais, e a estimular o exercício da racionalidade da linguagem científica, para o discente ter uma maior participação nas atividades políticas em sociedade.

Dando continuidade à finalização das questões, foi perguntado sobre como o Pibid colaborou ou não para a vivência de uma sala de aula, considerando a concepção de fazer parte efetiva do processo ativo de um colégio. Apesar da negativa, sabíamos que ela poderia ser excluída, quando pensamos na possibilidade de que mesmo uma experiência contrária proporciona, dentro do contexto escolar, uma forma de aprendizagem. E, as respostas disseram muito do significado do Programa:

O Pibid funciona como uma oportunidade de se obter familiaridade com a sala de aula, com as práticas de docência e com o dia-a-dia em uma instituição de ensino. É de grande importância essa experiência na graduação, porque temos maior segurança e preparo para de fato ingressarmos no mercado de trabalho. (Ruth de Lima Gomes)

A iniciação à docência é uma oportunidade de experiência profissional importantíssima. Uma forma de aprender na prática o que em quatro anos acadêmicos nos prepara para o mercado

² Ibidem, p. 161.

profissional. Além de nos ofertar um aprendizado para além dos muros da universidade. (...)

Significou está assumindo uma responsabilidade de direcionar os rumos que quero intervi dentro da sala de aula. Uma verdadeira prática pedagógica. Usarei dos recursos tecnológicos disponíveis no Codap. Além de materiais disponíveis na biblioteca da universidade! (Daiene Sacramento de Jesus)

A integração entre a Universidade e Educação Básica, a escola acaba se tornando protagonista nos processos de formação dos licenciandos em Sociologia e nos demais cursos, e os professores experientes tornam-se coformadores de futuros professores. Portanto, com o PIBID se articula o ensino, pesquisa e extensão, envolvendo escola e universidade, existe a possibilidade de trocas e melhorias nos processos de ensinar e de aprender tanto na Educação Básica, quanto na universidade. (Naiane Alves dos Santos)

O Pibid foi uma janela para o início do meu aprendizado em sala de aula e o Codap o espaço de trabalho onde pude colocar o que aprendi no curso de ciências sociais em prática. (Grayce Kelly Menezes Reis)

A prática docente requer inúmeras responsabilidades e desafios, algo que torna-se através do Pibid visível para os alunos que estão fazendo graduação em cursos de licenciatura, por isso, o programa é de extrema utilidade para a graduação porque é nesse momento que nós, alunos, temos um contato direto com as metodologias de ensino, tanto para aprofundarmos os nossos conhecimentos perante as temáticas que futuramente trabalharemos em sala de aula, quanto para conhecermos o cotidiano escolar não mais como sendo apenas alunos, mas auxiliando diretamente o professor com funções que também serão nossas após o término do curso de graduação. (Monique Maria Marques Machado)

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa que promove a influência mútua entre a educação básica e o ensino superior, nos ambientes de ensino-aprendizagem. Vivenciar a prática de professor de sociologia e a aprendizagem dos alunos é importante para a formação do discente de licenciatura. (...)

(...) é importante destacar que o PIBID foi de suma importância para o meu desenvolvimento, porque através contato direto com alunos do Ensino Médio eu pude conhecer as diversas personalidades e aprender como trabalhar em sala de aula com alunos que possuem comportamentos diferentes, além disto, eu aprendi a me colocar em sala de aula.

Diante do exposto, é válido destacar a importância da experiência ímpar que o Pibid me proporcionou. E se hoje eu compreendo todo o significado, a responsabilidade, a importância da permanência da sociologia no Ensino Médio e sigo no caminho das ciências sociais, é porque tive o alicerce edificado através da parceria Pibid-Codap. (Wine Silva de Santana S. Castor)

Quando juntamos o todo das repostas, vemos que o Pibid para o Codap foi um meio de repensar a sociologia. E, isso tem um significado ímpar para uma disciplina que tem um tempo curto de presença no currículo do Ensino Médio. Assumimos o risco de deixá-los serem graduandos espontâneos que acessam a sua atividade com a ideia de contribuição. Assim, somamos ganhos para a disciplina e o pensamento metodológico da relação professor-aluno. Nisso alcançamos o objetivo do Pibid e, talvez, o ultrapassamos na seguinte perspectiva de termos uma relação de encontros, como colocado no primeiro parágrafo desse texto, de licenciandos e da forma como a sociologia era abordada no Codap. Ao exceder uma visão do ensino médio de apenas uma preparação para o ensino superior, o qual não possui um valor em si mesmo, mas, para formar o cidadão consciente dos seus atos, crítico, capaz de intervir no seu meio social e elaborar uma percepção segura das causas sociais dos dilemas humanos, distanciando das concepções pedagógicas tradicionais de uma educação encaixotada e redentora da verdade. Diríamos que restando muitas dúvidas, mas, em busca quase sempre de tentativas de acertos, alguns resultados foram alcançados e outros não, a confirmar que, mesmo em pares, somos incapazes de abarcar um universo tão complicado de uma turma por inteiro.

3 - Considerações Revessas do Ensino da Sociologia e do Pibid

A partir dos dados coletados, conseguimos compreender o fortalecimento do ensino da sociologia, no Codap, pela participação dos licenciandos que fizeram ou fazem parte do Pibid. Essa constatação nos deixa bastante satisfeitas e reforça uma combinação de duas posições: a sociologia não fica imune aos riscos do estabelecimento de outras vozes, e, a nós profissionais da área, nos tornamos menos donos de uma disciplina tão exposta aos valores biográficos de cada um. Então, só podemos afirmar a vanguarda de um Programa de Iniciação à Docência que inicia também aos professores participantes um recado de observação da realidade, entendida como pressuposto orgânico de qualquer ambiente educativo. Não parece errôneo colocar a vinculação de pensar a sociologia dentro dessa transformação, porque houve um enriquecimento da transmissão de conteúdos

dela pelo contato com os graduandos. Talvez, estejamos querendo colocar que como Wallerstein salientou, precisamos “recrutar nossos estudantes de graduação muito mais amplamente do que fazemos, e temos de deixá-los desempenhar um papel maior em determinar no que podemos ajudá-los a crescer.” (2002, p. 299). Por isso, apostamos nas ações dos licenciandos e eles tiveram a atenção de compreender que as suas intervenções eram fundamentais para um crescimento compartilhado professor-licenciando-aluno. Expressado pelo mesmo autor, em outro trabalho (2000), como uma urgência em aprender mais do que ensinar e a rever as posições universal-particular no contexto da pesquisa científica, contudo, a sala de aula também é um lugar de refazer posicionamentos, uma vez que transmite a linguagem da ciência. E, foram essas ponderações de como colocar a sociologia na forma mais adequada que conduziram a uma atuação singular dos graduandos do Pibid com o Codap.

Foi por esse meio que adentrou, no Codap, um pensamento criativo mas também de problematização sobre o mundo. A visão de tantas agonias humanas levam ao estado de uma quase confirmação de crise do sistema social, corroborada pelas constatações Wallersteinianas – considerando que o autor não tem um fechamento pessimista ou niilista e crer na reviravolta da criatividade científica e do potencial humano. Convém reforçar que não estamos definindo o resultado de uma crise e muito menos uma hipótese será exposta, apenas queremos deixar transparente o caráter da educação e da sociologia em tempos de revermos as contradições daquilo que conhecemos por modernidade. A contingência das ações levam a pensar que estamos sem um propulsor de medidas. Os acontecimentos vem e vão em uma velocidade que se torna impossível o assentamento de reflexões sobre as causas – quando elas existem. E quando as certezas se esvaem, surge a vontade de escutar o outro que está mais próximo no tempo, aparentemente, de aprendizagem.

Percebemos, portanto, que o Pibid se coloca como dissidente de uma sociologia fechada em si por um plano de ensino rígido. O Programa induz a esquemas variáveis pela ligação automática das aulas de graduação e das aulas do nível médio, demonstrando uma flexibilidade das interpretações e dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Ali, os graduandos são indivíduos múltiplos e não tem como característica a passividade, ao contrário, parecem incentivados a

produzirem interrogações. Nenhuma delas são simplistas, porque a diversidade de vidas na sala de aula já impõe uma responsabilidade da fala a ser constituída. É a tonalidade reversa que vai ser o centro das configurações, perfurando qualquer esquema quadrado de conclusões. Apenas tivemos e temos ações compartilhadas, afinal, nos tornamos artífices de um mesmo objetivo: fazer da docência algo valorizado para todos nós. Significando querer atuar dentro da esfera educativa, em um jogo que desperta para o projeto crítico do mundo. Sim, a sociologia imprime, dentro do espaço do Programa e do Codap, essas transformações inquietantes como, por exemplo, a formulação de dúvidas sobre o que ensinar e o porquê. Sendo essas ações aliadas que fazem desenvolver um tipo de responsabilidade, do ato de estar dentro de uma sala de aula, entre todos os participantes do Pibid.

Temos algo mais a complementar por outras mãos – as de José Saramago em suas “As pequenas Memórias” (2006) – quando afirma: “Nunca fui grande pescador.” (p. 21) e mais adiante tem a delicadeza de expressar: “Manda a verdade que se diga que os meus talentos de caçador ainda estavam por baixo das habilidades do pescador.” (p. 22), porém, habilidades são compostas e recompostas em outros meios, sendo a do autor um pescador e caçador de palavras, e, talvez, o Pibid seja uma maneira de, muito cedo, o discente ficar imergido do ofício do estar ou ser professor, conformando uma forma de ação no mundo pela “pesca ou caça” dos melhores pretextos de visitar a sociologia, com a intenção de ser um profissional da Educação Básica.

Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1075-1432, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice Mencarini. *Educação e sociedade: leituras de Sociologia da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- ROCHA, Cláudio César Torquato Saberes da docência aprendidos no PIBID: uma estudo com futuros professores de sociologia / Cláudio César Torquato Rocha. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, 2013. (Dissertação mestrado)
- DURKHEIM, E. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- GIARD, L. A invenção do possível. In: CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SPOSITO, Marília Pontes. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org). *Ensino Médio: Ciência, cultura e trabalho*. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.
- _____. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010.
- WALLERSTEIN, Immanuel. From sociology to historical social science: prospects and obstacles. *British Journal of Sociology*. Vol. No. 51 Issue No. 1 (January/March 2000) pp. 25–35, 2000. Date accepted: August de 1999. Disponível em <https://student.cc.uoc.gr/uploadFiles/1110BE12K/WALLERSTEIN%20From%20so%20ciology%20to%20historical%20social%20science,%20Prospects%20and%20obstacles.pdf>. Acessado em 03 de junho de 2017.
- _____. *Como concebemos o fim do mundo: Ciência Social para o século XXI*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.